

Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PANORAMA DA EDUCAÇÃO JUVENIL EM BENGUELA

QUIS a «Revista Feminina» do Rádio Clube de Benguela, consciente da importância do assunto, acolher e patrocinar a ideia de convocar as mães de Benguela para reuniões onde, como irmãs, possam discutir e procurar resolver os graves proble-

mas da educação dos seus filhos. Pediu, através dos microfones, que as interessadas lhe escrevessem a dizer o que esse projecto lhes sugerisse e passados oito dias nenhuma tinha ainda respondido à chamada.

PELA SR.ª
D. ANA ROLÃO M. ABANO

Nada de extraordinário tem esta atitude da parte de mães portuguesas, habituadas ao seu individualismo e à desconfiança que sempre lhes suscita o que lhes parece superflua novidade. A verdade é que as reuniões de senhoras nada têm de novidade mesmo

Infante D. Henrique

● UM NOVO GRANDE PAQUETE PORTUGUÊS COMEÇOU A SER CONSTRUÍDO

Encomendado pela Companhia Colonial de Navegação, o novo paquete «Infante D. Henrique», de 22.000 toneladas, destinado às carreiras da África, começou a ser construído em Antuérpia.

Ao assentamento da quilha do grande navio assistiram o presidente do conselho de administração da CCN, dr. José Soares da Fonseca, o consul de Portugal e numerosos elementos da colónia portuguesa na Bélgica.

CORES BRILHANTES E UMA HOSPITALIDADE ENCANTADORA EM PORTUGAL

de uma Revista Inglesa de Turismo

«Rapsódia Portuguesa» é o título de um artigo de Leonard Koven, publicado na revista de turismo «Go», em que as impressões do viajante são dadas numa síntese feliz:

«Cores brilhantes, hospitalidade encantadora e uma maneira gentil de encarar a vida é o que se encontra nas vilas de Portugal».

Descreve Koven uma visita de quinze dias a Portugal e salienta:

«Sou admirador incondicional dos Portugueses e gosto tanto da sua terra como do povo. Na primeira visita, há cinco anos, fiquei lá quinze dias. E desde então já lá voltei mais de uma dúzia de vezes, sendo cada visita uma nova aventura, nova e inesquecível, tal é a variedade das suas regiões, desde as serras alentejanas aos vales, às praias. Combinação adorável do passado e do presente, este facto é em especial evidente na zona ao norte do Porto, onde os hotéis de luxo e as praias concorridas ficam a dois passos das casas solares e dos monumentos que nos levam aos tempos da Idade Média».

SAGRES — ETERNO TEMA

ESPERANÇA RENASCIDA?

● QUE SE PRETENDE CONSTRUIR EM SAGRES: A RECONSTRUÇÃO DA VILA DO INFANTE, UM MONUMENTO OU UM FAROL-MONUMENTO?

ENTRE as Informações da vida nacional distribuídas pelos Serviços de Imprensa do S. N. I. aos jornais portugueses, na última

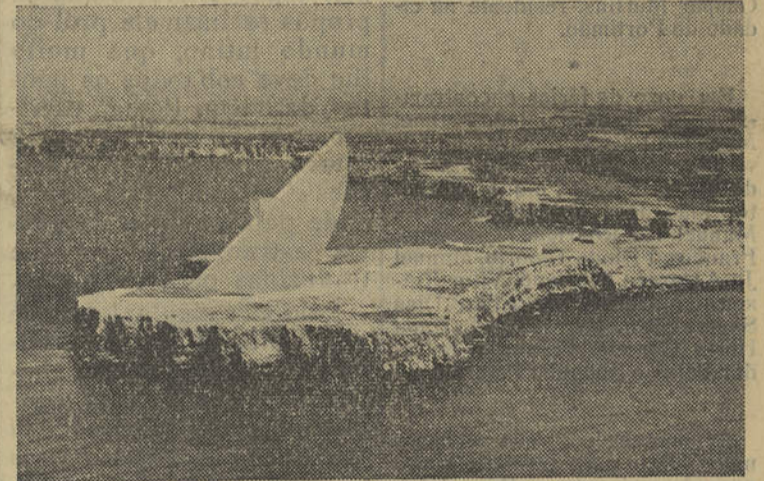
UM ARTIGO DE
ANTERO NOBRE

semana, havia uma, incontestavelmente muito oportuna e muito bem redigida, sobre a recente e significativa romagem ao Promontório Sacro, com que a «Mocidade Portuguesa» do Algarve entendeu iniciar a sua participação nas comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique. E naquela informação dizia-se, logo a abrir, que rapazes de todas as Alas da Provin-

cia levaram «flores que lançaram no oceano, como se as colocassem já no monumento que um dia ali há-de erguer-se em memória do Príncipe Navegador»; para se terminar com a afirmação de que, «com esta cerimónia, colocou a M. P. a primeira pedra do grande

monumento que Portugal inteiro venerará, como símbolo autêntico do Espírito que animou os seus Maiores nos mares nunca dantes navegados, dando novas luzes ao Mundo, na gloriosa missão de dilatar a fé e o Império».

Se tais palavras fossem (Conclui na 4.ª página)



«MAR NOVO»: De autoria do arquitecto Cassiano Branco, um dos projectos aprovados para o monumento ao Infante D. Henrique a erguer em Sagres

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

A cobrança do imposto

Estava eu muito bem descansada e nisto batem à porta. Eu própria, sozinha em casa, vou atender. Abro a boca de espanto, era a Lucília.

— E's tu... Entra... — Boas tardes, madrinha. A madrinha passou bem? A madrinha está melhor?

Crescida, a moça. Espigada, a diferença que faz do ano passado! Porque só a vejo de ano a ano. Pela Páscoa, a buscar a prenda que lhe devo.

Não sei como, este ano esqueceu-me que havia Páscoa. Apanhada desprevenida, estou conversando com ela, fútilmente, e a pensar como vou resolver a situação. Na realidade, a situação aflige-me. Gosto de dar, de oferecer — um livro, um «bibelot» mas quando a minha própria vontade de dar me solicita. Com a Lucília não é assim. Ignora-me durante 364 dias no ano; lembra-se de mim no restante. Filha de antiga mulher para longe, a Lucília não está presa a mim por nenhuns laços de afectividade. Vem de ano a ano cobrar o imposto em nome d'El-Rei.

«Não sejas mesquinha — digo a mim própria — A pequena moça» (Conclui na 2.ª página)

A VIDA FANTÁSTICA de Davy Crockett

◆ O HERÓI DO TEXAS, QUE ASSISTIA ÀS SESSÕES PARLAMENTARES MONTADO NO SEU INSEPARÁVEL CAVALO

NÃO se trata do argumento de um filme do Oeste, embora muitas películas de aventuras tivessem sido inspiradas na vida de Davy Crockett. Imortal-

FOR
ISY LANDRES

lizado pela canção e pelo Cinema, merece que nos detenhamos um pouco na sua história, pois foi ele quem lançou os alicerces da reunião do Texas com os Estados Unidos.

Não foi, porém, como tal que Crockett entrou na lenda. Os arquivos do Capitólio guardam ainda o rastro do deputado que, literalmente grudado ao seu cavalo, nem ao menos se dava ao trabalho de se apegar para assistir às sessões parlamentares e que causou sensação ao passeá-lo pela Câmara até o lugar que ocupava no hemicíclio.

Davy nasceu no Texas, que

nessa época estava ainda integrado no México. No entanto, norte-americano de sangue e de raça, foi instalar-se nos Estados Unidos por volta de 1810, na altura em que o grande país começava a desenvolver-se.

Estava-se na época em que os primeiros colonos abriam passagem para a costa do Pacífico. Para tanto, era necessário atravessar territórios vastíssimos, ainda dominados pelas tribos índias, o que dava origem a incidentes de todo o género.

Davy Crockett, iniciada a sua (Conclui na 4.ª página)

CONFERÊNCIAS AGRÍCOLAS que interessam ao Algarve

Pelo senhor Secretário de Estado da Agricultura estão sendo promovidas conferências de elucidação agrícola que serão pronunciadas por todo o País.

A primeira foi em Coimbra pelo senhor engenheiro silvicultor Calheiros e Meneses que dissertou sobre o valor da floresta portuguesa.

Aplaudimos esta ideia como aplaudimos todas as que visem elucidar e orientar os nossos agricultores.

Proclamou-se que o nosso País era essencialmente agrícola, menosprezou-se por isso a indústria, mas a agricultura vive ainda hoje em grande parte entregue a si mesma utilizando os mais rotineiros processos de cultivo e aproveitamento.

Esperamos que o Algarve não seja esquecido pois bem merecem os agricultores algarvios que os elucidem em muitos pontos e a serra que olhem por ela para vir a ser uma proveitosa riqueza.

A ESTRANHA ODISSEIA DUM NÁUFRAGO

► QUINZE DIAS ENCERRADO NO CASCO DE UM NAVIO

NAQUELE mês de Abril de 1910, os navios que demandavam o porto báltico de Memel traziam todos estranhas notícias. Por várias vezes, os marinheiros haviam avistado o casco invertido de um pequeno

FOR
BARTH GLAIRE

veleiro, certamente desmantelado pelos temporais e que vogava à deriva, fustigado pelas vagas eternamente tumultuosas do Mar Báltico. Porém, nenhuma embarcação pudera aproximar-se do despojo e as autoridades do porto de Memel, pouco inclinadas a dar crédito aos relatos dos marinheiros, acusados de sofrerem não raro de alucinações, não tomaram medidas sobre o caso.

Mais tarde, uma chalupa de pescadores assinalou também o estranho objecto. Como o mar estava calmo, foi-lhe possível acercar-se até muito perto. O casco devia ter pertencido a um barco muito pequeno, um veleiro com lotação máxima de quinze tripulantes. Era de presumir-se que seria o único vestígio de um drama, uma dessas tragédias marítimas tão frequentes que já nem conseguimos comover os homens do mar.

Depois, a chalupa, tendo examinado de perto o destroço, preparava-se para continuar viagem, quando um ruído regular, parecendo escapar-se do casco imer-

so até meo, atraía a atenção do capitão. Não podia ser o marulhar da água, que na altura estava absolutamente calma. Já alguns tripulantes da chalupa se mostravam agitados — há tantos supersticiosos entre os mais en-

(Conclui na 2.ª página)

BIBLIOTECAS ITINERANTES

As Bibliotecas itinerantes que percorrem o País emanadas do Ministério da educação Nacional com o fim de dar combate ao analfabetismo e educar pela leitura recolheram a Lisboa e apresentaram o seu relatório com os objectivos alcançados.

Por ele se vê que entre nós se lê mais por distração do que por fins educativos e que a leitura é a mais dispersa possível.

Na verdade quem atentar no que se lê sentados em bancos de jardim, camionetas, eléctricos, combóios, perguntará se valerá a pena ler o que se vê nas mãos principalmente da nossa mocidade e não será mais proveitosa a proibição como meio de desinfeção moral.

E' este um problema que pede urgência na sua solução.

COMENTÁRIO DA SEMANA

SEMENTES PERDIDAS

A complicada estrada que hoje se trilha e vulgarmente se chama vida, são sempre repletos de ensinamentos e conselhos bons, que os primeiros passos vacilantes do homem são dados.

As sementes que se lançam nessas pequeninas vidas que despontam para a possível tentativa de consagração da vida humana por este mundo de Cristo, somente frutificam quando encontram apoio moral que reforce a verdade dogmática dos ensinamentos expostos, na rara clarividência da fraternidade humana.

E' nas Escolas primárias que os espíritos dos pequeninos se reúnem os «homens de amanhã» são educados para a vida a que terão de fazer face, uma vida sem clemências, inexorável, apenas com um pretenso amor fraternal.

Mas ali, naquelas escolas de vida, ensina-se a amar o próximo (Conclui na 2.ª página)

HOMENAGEM AO ANTIGO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ

Foi homenageado pelas forças vivas do concelho de Loulé, laboriosa vila que serviu com grande dedicação e zelo e sr. José João de Ascensão Pablos, antigo Presidente da Câmara Municipal daquele concelho e de cujo cargo foi exonerado, a seu pedido, há bem pouco tempo.

A significativa homenagem que teve lugar no Hotel Aliança, em Faro, teve a ilustre presença do sr. Presidente da Câmara Municipal de Faro, Reitor do Liceu de Faro e várias entidades da nossa Província.

Durante o repasto trocaram-se vários brindes e usaram da palavra diversos oradores que enalteciram a obra do homenageado.



FESTIVAL DE GINÁSTICA NO SALÃO NOBRE DA CAPITANIA DO PORTO PROMOVIDO PELO CLUBE NAUTICO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Conforme largamente e justamente temos noticiado, vai ser levado a efeito o II Festival de Ginástica do Clube Náutico desta vila, cuja direcção tem envidado todos os esforços para que este sarau de ginástica seja a repetição do êxito com que se revestiu o primeiro. Do programa, habilmente elaborado consta:

I — Apresentação das classes.

II — Classe infantil mista; Diversos exercícios; Ginástica infantil.

III — Classe de rapazes (13 a 17 anos); Ginástica educativa.

IV — Classe de senhoras; Ginástica educativa rítmica; Exercícios com massas indianas.

V — Classe de homens; Ginástica educativa; Exer-

cícios de mãos livres e saltos de tapete.

VI — Classe de homens (aplicada); Exercícios em paralelas.

VII — Saltos de plinto.

Estamos certos, que este Sarau de Ginástica vai atrair mais público que o antecedente, dado o já comprovado valor dos atletas e a persistente como hábil orientação dos dirigentes.

DIRECÇÃO HIDRÁULICA DO GUADIANA

Para ser utilizado em obras de limpeza, desobstrução e regularização de cursos de água na área da sua jurisdição, recebeu a Direcção da Hidráulica do Guadiana um subsídio de 100.000\$00.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se no estrangeiro, em viagem de negócios, o nosso prezado assinante sr. Mário Garcia Ramirez, importante industrial de conservas na nossa Província.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. José Armando Ribeiro Rosa, residente em Lisboa.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso estimado amigo e antigo colaborador sr. Dimas Gaspar Martins, residente na cidade de Portimão.

Em gozo de férias encontram-se nesta vila os srs. João Manuel Machado Faisca, Eduardo da Silva Cavaco, João Eugénio Machado Socorro, Raúl Folques de Brito, João José Folques de Brito, Manuel Vaz Rodrigues Clemente, Francisco Diogo Tenório, Manuel José Caraca Cipriano, Vitor Teixeira Marques, Sebastião Dias Santos Silva, José Eduardo Capa Horta Correia, Francisco Salvador Salas e Joaquim Palermo.

Acompanhado de sua esposa e neto, seguiu para Lisboa o nosso prezado assinante sr. Manuel António dos Reis, residente nesta vila.

A passar as festividades da Páscoa, encontra-se nesta vila, há já alguns dias o nosso estimado amigo sr. Fernando Abecassis Vargas Marques, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. José Rodrigues Marques.

De visita a seu pai, encontra-se nesta vila, o nosso prezado amigo sr. Manuel Viegas Pinheiro.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto médico em Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos.

Nascimento

Deu à luz em Lisboa uma criança do sexo feminino a nossa conterrânea, sr.ª D. Maria Luisa Grego Horta Ribeiro, casada com o sr. Manuel Portugal Loureiro Ribeiro, funcionário superior da DIAMING Lundo-Luanda.

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

ra longe, o dinheiro não é muito para «eléctricos» e autocaros. E depois a aprendizagem na costura toma-lhe o tempo quase todo. Acresce que deve ser a única pessoa de quem ela, neste dia, espera alguma dádiva. Não a desludada. E agradece ao destino seres tão desejada!

Acabo por lhe dar aquele retalho para uma blusa, que compré em saldo há pouco tempo. Não se demorou. Cobrado o imposto, foi-se embora.

O que dizem as conchas

Quando estou numa roda de amigas e vem à baila a poesia, de António Aleixo não me esqueço nunca. Conheço um cem número de quadras dele e vejamo o visto que faço a recitá-las! As pessoas ficam suspensas de um verso, de uma palavra, de uma segunda intenção. Maravilhadas. Para mim, que servi apenas de mediana na comunicação com os deuses, reveste um pouquinho de glória de que, devo dizer, sou muito ciosa.

Sou capaz de preencher um serão com esta música à qual a minha alma tanto se afeiçoou. As palavras de António Aleixo, jogadas perfeitamente como das mãos de um «jongleur» encartado, sempre certas, sempre no lugar próprio, vêm carregadas de força que as ultrapassa em significado. Lembram as conchas que, no silêncio do vosso quarto, são mais do que conchas — são mar tumultuoso, horizontes indesejados, profundidades incomensuráveis, veias teimosas a marcar o domínio do homem sobre a natureza... Chegam a doer, estas quadrinhas mimosas. Há muito sofrimento atrás delas. Muitos dias sem pão, muitas noites de insónia, muitos agravos, muita ofensa ao orgulho próprio do artista. Chegam a doer — como se eu fosse culpada disso tudo. E quantas vezes António Aleixo não terá visto nos meus olhos um angustioso pedido de perdão!

VIDA LITERÁRIA

GINO ROVIDA

DA moderna geração de escritores italianos destaca-se Gino Rovida, presidente da Alleanza Internazionale dei Giornalisti e Scrittori Latini, com sede em Roma e cujo órgão de divulgação cultural é o «Corriere Letterario Latino». E Gino Rovida destaca-se precisamente pela qualidade dos seus escritos e pela brilhantíssima actividade literária que se propôs realizar em pródolo mundo latino, que muito lhe deve sob todos os pontos de vista. Poeta, escritor e jornalista de renome internacional, dirige as edições «Collana Poeti Latini», onde publica obras de poetas estrangeiros, por ele traduzidas para o italiano.

Pela sua originalidade e profundidade poéticas, Gino Rovida mereceu do abalizado crítico italiano Giulio Dolci no Compendio di Storia della letteratura italiana (Milano, 1954) estas palavras justas: — «Gino Rovida effonde in versi di squisita fattura una sua signorile malinconia, attraverso notazioni liriche di aspetti naturali e acute sintetiche meditazioni». Como demonstração da grandeza do seu estro poético, veja-se

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



A ponte do Engenheiro

António Aleixo

Pois há dias encontrei alguém que o conheceu de perto, esteve com ele no mesmo sanatório, lado a lado. Não perdi a oportunidade, evidentemente, de matar saudades. Não descansi enquanto não me fez a descrição física do Amigo, seus hábitos, suas pequenas manias, seu poder de criar rapidamente, como um imenso lençol de água pura à superfície.

Disse e ouvi versos dele. Sempre os mesmos? Sempre diferentes. Sempre amados.

— Estes nem todos publicados — acrescentou — Mas sei uma quadra dele que quase toda a gente ignora...

Suspendeu a frase. Eu suspensa, crescida mais um palmo. Assoou-se. Demorou a continuar... E quando o fez foi para explicar a quem se dirigia a quadra, em que condições fora feita... No fundo, a prolongar, a explorar a surpresa. Finalmente decidiu-se:

A um engenheiro:

Tu que tens saber profundo és engenheiro e vês bem, faz uma ponte onde o mundo passe sem pisar ninguém...

Sim meu amigo. Tu sabes, tu, o que é ser pisado. Acreditarte — e eu também — que essa ponte podia ser feita. Grande engenheiro dela foste, Amigo. A ponte está sendo levantada, dia a dia cresce um palmo. Nada poderá impedir ou embargar a sua construção.

Maria Manuela Nunes

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE

na FIGUEIRA DA FOZ:
Tabacaria Pessoa

por exemplo o poema «Il Spirito»:

Il mio spirito si perde nelle lande sconosciute della cupola celeste, dentro il vasto tempio verde delle libere foreste, sotto i mari dove mule si nascondono altre vite fra i naufragi delle navi, per le strade più soavi, più lontane, più smarrite.

Soffio, anelito, onda breve, tutto sonda, avido leve e l'abisso e l'infinito, si dilata, tutto attinge. Poi nel grande volo ardito, sopra i regni del mistero rasentando appena il vero, strappa un palpito alla sfige.

Gino Rovida publicou Finestre lontane (1934), Arelusa e la muraglia (1955, traduzido em várias línguas); todos estes livros de poesia marcam lugar definitivo na literatura italiana. Como prosador, publicou La principessa capriciosa (1946), Nell'antico Giappone (1953), Il consigliere del reame di Tsu, Lucentina, Le confessioni di Tristano Morelli, La torre sul mare, La tribù della Spiaggia, Francesco Morosini, Pasquale Paoli, Novellieri italiani dell'otto-novecento, Florilegio dei climi diversi, Antologia di poeti belgi, etc.

Gino Rovida não é só um grande poeta: é um ficcionista, um biógrafo, um crítico e um pensador que, pela sua obra admirável, ultrapassou as fronteiras de Itália. Conhecedor do idioma português, tem traduzido poetas portuguesas e dá especial relevo nos seus trabalhos ao significado e à missão da Latindade no mundo. Devem-lhe inestimáveis serviços as literaturas italiana, francesa, belga, suíça, portuguesa, espanhola, colombiana, peruana, venezuelana, argentina, cubana, uruguaia, enfim, todas as literaturas do mundo latino que ele divulga através de traduções e de ensaios.

Jonas Negalha

A EXTRANHA ODISSEIA DUM NAUFRAGO

(Conclusão da 1.ª página)

durecidos lobos do mar! Porém, o capitão, obstinado, aproximou-se mais e então ouviram-se nitidamente pancadas repetidas, vindas do interior do casco.

«Há homens lá dentro» — monologou o capitão. E logo ordenou que lançassem uma amarra. Era impossível pensar-se em entrar na «caixa» em pleno mar alto. Teria havido necessidade de mactários e escopros — o casco ameaçava desmantelar-se. Com extrema doçura e cuidado, a chalupa rebocou-o até ao porto de Memel.

Os operários lançaram-se imediatamente ao trabalho. Depois de várias horas de esforços, tinham praticado uma abertura, havendo previamente aplicado espigas para impedir que principiasse a meter água. Logo apareceu uma mão pelo orifício e uma voz, que parecia vir do outro mundo, suplicou: «A'gual Pão!» Mil braços se estenderam e em pouco tempo do destroço saíu um homem — um marinheiro que há quinze dias se encontrava encerrado naquele esquite flutuante.

O casco havia pertencido a um pequeno barco de pesca, o «Erndte», registado em Dantzig. Quinze dias antes, saíra do porto de origem e fora surpreendido por uma tempestade que primeiro lhe destruiu o mastro e depois lhe quebrou o leme. Sem mastro e sem leme, um veleiro não é mais do que um joguete num mar desenfreado. Toda a equipagem achava-se na ponte. O navio inclinou-se para um lado e, como a lâmina, de um punhal, as vagas varreram a ponte e engoliram catorze homens.

Catorze, sim, pois o décimo quinto, Gaber, encontrava-se no interior do barco, com a tarefa

UMA AVENTURA DE GAGO COUTINHO

● GAGO COUTINHO QUIS MORRER EM COMBATE NUM MAR INFESTADO DE SUBMARINOS ALEMÃES E ITALIANOS — REVELA ASSIS CHATEAUBRIAND, NUM ARTIGO QUE «O JORNAL» DO RIO PUBLICA

NUM avião de bombardeamento pesado, com tripulação brasileira, o almirante Gago Coutinho quis morrer em combate contra o poderio germano-italiano, sobre um mar infestado de submarinos alemães e italianos — revela o embaixador Assis Chateaubriand no «Jornal», um dos órgãos de cadeia dos «Diários Associados».

Sob o título «Um homem de missão», Assis Chateaubriand, director dos «Diários Associados», presta homenagem à memória do glorioso almirante e conta:

«Durante a guerra, ocorreu-nos, a nós dos Associados, a ideia de dar a Gago Coutinho a morte olímpica que merecia. Pedi a Salgado Filho um avião para que o almirante fosse cobrir a defesa do Atlântico, num mar infestado de submarinos italo-germânicos.

«Gago Coutinho não hesitou em ir a Pernambuco três dias em mar alto, sem encontrar nenhum barco inimigo.

«Voltou agravaado, conforme me disse — continua Assis Chateaubriand. — Todos queriam vê-lo, mas ele sentia-se constrangido, porque o inimigo não aparecera para lhe aceitar o desafio. Ao regressar ao Rio, trouxe-me-lo ao microfone da Tupi, pelo qual falaria ao mundo.

«Senhores, declarei, Gago Coutinho partiu para uma missão, da qual não esperava voltar. Pretendíamos dar-lhe o túmulo do Mar Atlântico, berço da sua glória.

Conclui o Embaixador Chateaubriand, dizendo:

«Não quis, entretanto, o destino permitir o fim maravilhoso, a morte no Walhalla, de Gago Coutinho, que tombou num prosaico leito de hospital, longe do mar e do firmamento, que ele ilustrou com o faísca do seu génio universal.»

Agradecimento

Eusébio Ferrelra

A família de Eusébio Ferrelra, na impossibilidade de poder agradecer pessoalmente às pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada e bem assim a todos aqueles que lhes manifestaram o seu pesar, vem por este meio, muito reconhecida, agradecer.

de obturar uma fuga de água. Sentiu, horrorizado, que o veleiro se voltava. Viu os móveis descreverem reviravoltas no ar e a água entrar na cabina em que estava encerrado. Tentou sair, mas a porta estava em baixo, sob a água — e nem pensar em forçá-la, tal a pressão exercida sobre ela. Por cima dele, unicamente o fundo do navio, um casco impenetrável, tanto mais que Gaber não tinha consigo nem uma farmamenta.

Também não havia que comer. Assim ficou dias inteiros, sentindo-se constantemente atrado de um lado para o outro pela maré, quase sem poder respirar, torturado pela fome e pela sede. Quebrara as unhas até fazer sangue, ao tentar furar o casco. Por fim, estendeu-se sobre uma vela, armado de um pedaço de madeira, com o qual martelava incessantemente o fundo do barco, na esperança de ser ouvido do exterior. Mas essa esperança diminuía à medida que os dias passavam. E Gaber sentia-se morrer um pouco todos os dias.

Até o momento em que a chalupa de Memel o libertou. Para ele, foi um regresso milagroso à vida. Mas a aventura despertou-lhe o horror pelo mar. Pacatamente, estabeleceu-se como comerciante em Memel. Nunca mais embarcou.

Barth Claire

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM COIMBRA
na Tabacaria Ilda & C.ª Lda.
L. da Portagem, 35

COMENTARIO DA SEMANA

(Conclusão da 1.ª página)

mo, a dar a mão quando o inimigo precisa de ajuda, ensinar-se a amar o belo, a conhecer, enfim, o «bom Samaritano».

O Comentário de hoje foca uma acção, se bem de utilidade, é usada na nossa vila em acção retrógrada para com os ensinamentos das Escolas.

Chamam-nos a atenção, verbalmente, diversos leitores do nosso Jornal para a apanha de cães que na nossa vila é levada a efeito por pessoal assalariado, pois que de vontade ninguém se prestaria a tais acções.

Já por diversas vezes temos chamado a atenção às autoridades competentes, para a acção nociva que representa a apanha de cães vadios às horas das Escolas e também de tão selvática maneira.

Estamos de acordo, já o temos repetido, que se apanhem os cães vadios pois eles são objectivamente um perigo para a saúde pública. Disso estamos de acordo.

Mas que sejam apanhados às horas das Escolas, quando os Professores tentam ensinar os seus pequeninos alunos, na idade em que são mais impressionáveis, de que devemos amar os animais, que devemos acarinhá-los, quando se pretende engraiar na criança os princípios da fraternidade humana pela nobreza do gesto e do ideal, tais espectáculos são deprimentes!

Não só o espectáculo é retrógrado, como ensina a criança a ser má e ao mesmo tempo, embora pareça incrível, a revoltar-se contra os actos praticados por maiores a que deviam respeito, enojando-se-lhes as pequenas mentalidades com actos tão aviltantes.

Temo-nos referido contra a maneira de apanhar os animais laços de arame. A nossa acção contra tão desumano processo, embora certa autoridade já nos tenha feito considerações pessoais sobre o amor para com os animais, teve a sua materialização numa das últimas apanhas de cães.

Não era nosso intuito tocarmos no assunto, mas já que nos foi pedido com tanta insistência a ele voltámos.

A materialização, como distamos, dos nossos pensamentos teve a sua efectivação numa dessas malfadadas apanhas de cães vadios.

Um dos animais, ao sentir-se preso por um apertado laço de arame pretendeu saltar-se, fugir ao amplexo da morte que parecia aumentar de segundo a segundo. De repente... aos estrebuchões do animal, a que uma mão animal não cedía facilmente, o pescoço do cão foi rasgado, saltando-se o sangue aos gorgulhões, empastando o solo.

Houve gritos de crianças, pessoas enojadas, e os detestáveis espectáculos de falta de respeito para com as autoridades.

Nada mais é necessário acrescentar.

Deus seja louvado, uma só andorinha não faz a Primavera!

Armando de Mendonça

CINE-FOZ

Hoje, apresenta em cinemascope, Escândalo na Primeira Página, com Kirk Douglas e Susan Hayward.

Um segredo de Estado ou uma história de amor? Uma excelente comédia para rir.

(Para 12 anos).

Terça-feira, Escola do Crime, com Stanley Baker e Anne Heywood.

A delinquência juvenil em toda a sua dramática realidade.

(Para 17 anos).

Quinta-feira, o extraordinário filme de CLOUZOT e que ainda há pouco tempo continuava em cartaz em Lisboa As Diabólicas, com Simone Signoret, Vera Clouzot e Charles Vanel.

(Para 17 anos).

VENDE-SE

Em Vila Nova de Canela, Estrada da Manta Rota, uma courela e casas.

Dirigir a: João Pereira Cipriano.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 20 a 26 de Março

Entradas:

MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio. SETÚBAL, Alemão, de 1.371 ton., com folha de flandres, de Antuérpia.

FAUNA, Alemão, de 1.280 ton., de Portimão, com carga em trânsito. ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio. MOTOMAR, Espanhol, de 5.723 ton., de Barcelona, com carga em trânsito.

Saiões:

SETÚBAL, com cortiça e conservas, para Hamburgo.

FAUNA, com cortiça, para Hamburgo. ZE' MANEL e MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 28 de Março a 3 de Abril a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone, 64.



Joaquim dos Santos Sopa

Faleceu na cidade de Faro, na passada semana, o sr. Joaquim dos Santos Sopa, de 70 anos de idade, natural de Faro.

O extinto era pai dos sr.ª António dos Santos Sopa, Joaquim Mateus dos Santos Sopa, Justino Filipe dos Santos Sopa e João Pedro dos Santos Sopa; sogro das sr.ªs D. Maria Rosa, C. Virginia da Conceição, D. Maria Armanda e D. Maria Manuela dos Santos Sopa e avô dos meninos José António dos Santos Mendes e Vitor Manuel, João Manuel e Justino Filipe dos Santos Sopa.

A família enlutada e em especial ao nosso estimado amigo sr. António dos Santos Sopa, apresentamos as nossas condolências.

Carlos Augusto Lyster Franco

Faleceu no passado dia 5 do corrente, na sua residência na cidade de Faro o illustre pintor Carlos Augusto Lyster Franco de 79 anos de idade.

O saudoso extinto que tinha o oficialato da Ordem de Santiago desempenhou vários cargos de relevo na cidade de Faro, tais como Presidente da Câmara Municipal, comissário da P. S. P., professor do Magistério Primário, candidato a deputado numa das últimas eleições anteriores ao 28 de Maio, e foi um dos fundadores da Muldade Popular de Faro.

Pintor de comprovados méritos, foi ao seu tempo, um dos mais brilhantes alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa, tendo realizado notáveis exposições na cidade de Lisboa e Porto, às quais a imprensa se referiu largamente.

O saudoso extinto era pai do sr. dr. Mário Lyster Franco, Director do nosso estimado colega «Correio do Sul»; sogro da sr.ª D. Silvino Davim Lyster Franco, e avô das sr.ªs D. Maria do Carmo Lyster Franco David, D. Maria do Amparo David Lyster Franco e avô do sr. arquiteto Gonçalves David Lyster Franco.

A família enlutada e «Notícias do Algarve» apresenta a expressão sincera do seu pesar.

SPORTING CLUB DE BRAGA

Instituição de Utilidade Pública

Sede: Praça Conde de Agrolongo, 126

À Pensão Mateus

Vila Real de Santo António

Ex.º Sr. Senhor

Satisfazendo o pedido de V. Ex.ª em sua carta de 24 de Fevereiro p.º p.º, temos o prazer de o informar que os componentes da nossa primeira categoria de Futebol, manifestaram-se satisfeitos pela maneira como foram tratados na Pensão de V. Ex.ª, durante a permanência nessa hospitaleira vila.

Com os votos de muitas prosperidades, creia-nos com consideração

De V. Ex.ª

Pelo Sporting Club de Braga

O Secretário Geral

a) António Teodósio L. Pipa



DESPORTO
FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão
ALJUSTRELENSE, 1—LUSITANO, 3
BOA ARBITRAGEM
E RESULTADO JUSTO

Jogo no campo das Minas, em Aljustrel.
As equipas:
ALJUSTRELENSE — Ramires; Sldónio, Vilhena e Conduto; Tomé e Pinto; Mordido, Patinha II, Miguel, Patinha I e Mário.
LUSITANO — Rodrigues; Germano, Antunes e Gonçalves; Padesca e Campos; Ramires, Marco, Mendes, Torres e Parra.
ÁRBITRO — Marcos Lobato, de Setúbal.

(ao intervalo, 0-3)

Logo nos primeiros momentos de jogo se verificou que o Lusitano se apresentava com melhor fio de jogo e maior poder físico, e foi este último factor que lhe deu a vitória, pois à parte dois ou três jogadores, o Aljustrelense mostrava-se incapaz de disputar com êxito o esférico ao adversário. A sua linha atacante poucas vezes conseguiu levar a melhor contra a forte e aguerrida muralha defensiva algarvia.

Em contrapartida, o Lusitano impôs um jogo em que predominou rapidez, vigor e poder de antecipação — que raramente se vê — o que lhe valeu o comando do jogo por largos períodos. Contudo notámos na sua linha atacante a falta de remate.

O marcador começou a funcionar aos 13 minutos quando Ramires, correndo com a bola junto à linha lateral centra muito bem, aparecendo MENDES a concluir de cabeça. Com a vantagem deste golo os lusitanistas cresceram e aos 26 minutos, quando Torres pretendia perigosamente passar o esférico por cima da cabeça de Vilhena, este mete a mão à bola originando grande penalidade que o árbitro não hesitou em mandar marcar. Marcado o «penalty», PADESCA converte-o no segundo golo do seu clube.

A partir deste momento os alen-

CAMPEONATO DISTRICTAL
DE RESERVAS

Resultado do jogo efectuado no passado domingo, dia 22:

Lusitano, 1—Ohanense, 7

A Direcção da A. F. F., em sua reunião de 25 do corrente, homologou a classificação dos clubes na prova, que é a seguinte:

Sporting C. Farense	14	pontos
Portimonense S. C.	8	»
S. C. Ohanense	8	»
Lusitano F. C.	7	»
Silves F. C.	3	»

O S. C. Farense foi apurado campeão distrital, tendo-lhe sido atribuída uma taça.

FOI ELABORADO
O CALENDÁRIO DOS JOGOS

DA PROVA DE COMPETÊNCIA
PARA MUDANÇA DE DIVISÃO

Na passada quarta-feira, dia 25, na Federação Portuguesa de Futebol, procedeu-se ao sorteio para o «Torneio de Competência», que teve o seguinte resultado:

1.º Dia

Boavista-Ohanense
C. U. F.-Barreirense
Farense-Salgueiros

2.º Dia

Ohanense-C. U. F.
Salgueiros-Boavista
Barreirense-Farense

3.º Dia

Farense-Ohanense
C. U. F.-Boavista
Salgueiros-Barreirense

4.º Dia

Ohanense-Barreirense
Boavista-Farense
C. U. F.-Salgueiros

5.º Dia

Salgueiros-Ohanense
Barreirense-Boavista
Farense-C. U. F.

Este torneio, que será disputado em duas voltas, terá o seu início no próximo domingo, dia 5 de Abril.

DA HISTÓRIA DO CINEMA

HOLLYWOOD
NO COMEÇO DO SÉCULO

UMA tempestade de neve decidiu da sorte de Hollywood, o centro cinematográfico com que continuam a sonhar todas as «estrelas» e todas as «starlets» do mundo inteiro. Com efeito, as primeiras actividades do cinema industrial tiveram Nova York por cenário, em redor dos «ateliers» Edison, que haviam lançado a produção de películas destinadas a pequenas salas de projecção que começavam a estabelecer-se na Broadway.

Porém, um dia, foi preciso rodar em cena que devia desenrolar-se em plena primavera de um país de Sol. Em Nova York estava-se, de facto, na primavera. Mas, ao contrário de todas as previsões, a cena foi prejudicada por um belo nevoeiro, que se repetiu durante dias, para desespero dos realizadores, perseguidos pelo tempo e pelo termo dos seus contratos.

Foi então que um coronel vagamente reformado, Selig, que preenchia os seus prolongados ócios passeando o tédio pelos «plateaux» do Cinema ainda balbuciante, pensou na sua Califórnia natal. Ele, que possuía algumas letras, imaginou trasladar para o cinema um livro de Alexandre Dumas. Mas as peripécias da acção desenrolava-se nas costas do Mediterrâneo e o litoral de Nova Jerkey nada tinha de comum com cenário descrito pelo autor. Emigrou, pois, para Los Angeles, à procura de local que lhe conviesse e assim descobriu Hollywood. Encontrou o Sol, as palmeiras e, como estúdio utilizou a lavanderia de um chinês ali estabelecido.

Nesse tempo, Los Angeles era uma cidade em embrião. Acabara justamente de ligar-se por caminho de ferro a San Francisco, que já preparava a sua candidatura a grande porto do Pacífico. Os arredores, ainda selvagens, estendiam-se, em roseirais e em vinhedos, até à fronteira mexicana. Corria a época em que os viajantes ainda hesitavam em avançar para além de San Francisco, pois se as guerras ferozes

contra os índios haviam terminado, em toda a região do Pacífico pululava uma espécie pouca recomendável, que vivia de assaltos aos farasteiros isolados e de ataques aos bancos. O Far West transformara-se em Wild West.

Não existia então sobre o planalto em que hoje se desenhavam as artérias elegantes de Hollywood — falamos do ano de 1908 — senão uma única «farm», isolada e de madeira, rodeada por uma paliçada, como no tempo dos ataques dos Cherokees. Chamava-se Hollywood, em consequência de um erro de ortografia do primeiro proprietário, que construiu o seu domicilio próximo de um bosque de azevinho, achando por bem respeitar a velha crença inglesa da santidade do azevinho — «Holy-wood», bosque sagrado.

Foi nas proximidades da «farm» que o nosso coronel Selig instalou os seus primeiros estúdios rudimentares. Rodava um «western» (género então em moda e que em moda permaneceu até aos nossos dias) e tinha necessidade de uma habitação no género de Hollywood. Para quê construí-la, se ali tinha uma à mão? No princípio, o Cinema não enriquecia ainda os que a ele se dedicavam. Além disso, ainda havia no local alguns índios, que contribuíam para completar o cenário e fazer de figurantes do filme. A troca de alguns dólares, aceitaram simular um um ataque à «farm», mas no calor da acção tomaram de tal modo a sério o seu papel que terminaram por provocar um princípio de incêndio e demoliram parte da paliçada.

Perante o êxito das primeiras películas e da multiplicação de salas de projecção, toda uma multidão de actores, de realizadores e de pessoas simplesmente atraídas pela novidade ou pelo faro do «business», invadiu o planalto de Hollywood, outrora tão calmo. E em 1915 assistiu-se à chegada de «Charlot», que aí rodou as suas primeiras películas.

Nessa época heróica, um estúdio era algo de bastante rudimentar. Um grupo de carpinteiros abatia árvores, serrava-as, em menos de um dia construía-se uma cabana, sem janelas, nem portas, nem tectos, com as paredes revestidas apenas de tela, como no teatro. Hoje, os estúdios comparam-se a verdadeiros palácios e Hollywood a um formigueiro.

Mas a nostalgia dos primeiros tempos habita ainda no coração de muitos pioneiros.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

ESTIVA
Aluga-se bom armazém, com alvará, boa instalação, bem situado, em Olhão.
Trata José Correia Pontes, Lda. — OLHÃO

FORÇAS ARMADAS

OS CASOS
de isenção
de pagamento
da taxa militar

No sentido de esclarecer as situações abrangidas pelos recentes diplomas sobre taxa militar, pede-se-nos a publicação do seguinte:

a) **NORMAS DE APLICAÇÃO PERMANENTE** — Todos os mancebos que, havendo sido dados inaptos para o trabalho e para angariar meios de subsistência pela respectiva Junta de Recrutamento, não paguem contribuição ao Estado correspondente a um rendimento colectável superior a 300\$00 ou colecta superior a 50\$00 nas contribuições não baseadas em rendimentos, e não exerçam profissão remunerada, devem para beneficiar da isenção do pagamento da taxa militar, apresentar, na Secção de Finanças da sua residência, durante o ano seguinte àquele em que forem inspeccionados, a declaração modelo 4, a adquirir na tesouraria da Fazenda Pública. Igual declaração deverão apresentar os mancebos internados em leprosas, estabelecimentos correcionais e prisionais no ano em que forem internados, quando não paguem também qualquer contribuição nos termos atrás referidos.

Quando aquela inaptidão se verificar posteriormente à inspecção da Junta, e os mancebos não exerçam qualquer profissão remunerada nem paguem contribuição ao Estado nas condições também já indicadas, o benefício da isenção do pagamento da taxa militar deverá ser solicitado em requerimento escrito em papel comum e dirigido ao director-geral das Contribuições e Impostos.

A este requerimento, que deverá ter informação favorável da Junta de Freguesia da residência do requerente, serão juntos pelo interessado a declaração modelo n.º 4, a adquirir na tesouraria da Fazenda Pública e o atestado médico passado ou confirmado pelo subdelegado de Saúde do concelho onde residir.

b) **NORMAS DE APLICAÇÃO IMEDIATA E TRANSITÓRIA (ATE 30 DE ABRIL DE 1959) QUANTO AOS MANCEBOS INSPECCIONADOS ANTERIORMENTE A 1958:** 1) Relativamente aos mancebos julgados inaptos para o trabalho e para angariar os meios de subsistência, ou internados em leprosas, estabelecimentos correcionais e prisionais, inspeccionados anteriormente a 1958, que não exerçam profissão remunerada, mas paguem contribuição ao Estado correspondente a um rendimento não superior a 300\$00 ou colecta não superior a 50\$00 nas contribuições não baseadas em rendimentos, e que não tenham ainda entregue a declaração modelo 4 em data posterior a 29 de Março de 1955, deverão agora apresentar essa declaração na Secção de Finanças do concelho ou bairro da sua residência até 30 de Abril próximo, para poderem vir ainda a gozar da isenção da taxa militar relativamente às anuidades ainda não pagas. Os mancebos inaptos, ou internados nesses estabelecimentos que gozavam da isenção do pagamento da taxa militar à data de 29 de Março de 1955 e que não apresentaram a declaração modelo n.º 4 posteriormente a essa data, têm também que apresentá-la até ao mesmo dia 30 de Abril próximo, para poderem aproveitar da isenção relativamente às anuidades de 1955 para cá que estejam por pagar.

2) Os mancebos que, nas condições referidas no número anterior, já apresentaram a aludida declaração modelo 4 posteriormente a 29 de Março de 1955, não têm necessidade de apresentar agora outra declaração.

3) A mencionada declaração modelo 4 é adquirida em qualquer tesouraria da Fazenda Pública.

4) No caso de dúvida deverão os interessados dirigir-se a qualquer Secção de Finanças onde lhes serão prestados os esclarecimentos de que necessitarem.

Assinal e propagal «Notícias do Algarve»

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

NOVIDADE LITERÁRIA

Os Irmãos
Karamazovs
DE DOSTOIEVSKI

● UM NOVO LIVRO
DOS ESTÚDIOS «COR»

A GRANDILOQUÊNCIA de que se usa e abusa para adjectivar as grandes obras de arte (e quantas vezes as pequenas), inventou um qualificativo em que há o seu quê de absurdo: eterno. Na literatura são eternos a *Odisseia*, a *Iliada*, a *Divina Comédia*, o *D. Quixote*, os *Lusiadas*... E embora saibamos actualmente que esta eternidade está à mercê duma conflagração atómica que elimine da superfície do planeta o homem e as suas obras, aceitamos o qualificativo, já que «bom», «excelente», «admirável», «extraordinário», conferidos a torto e a direito, perderam valor e significado.

Digamos, pois, que *Os Irmãos Karamazovs* de Dostoiévski é também um livro eterno, ou que é, pelo menos, da massa de que se fazem os livros eternos. Eternidade só o tempo a confere — e os *Karamazovs* não periferizam ainda 80 anos de existência, período insignificante ao lado das centenas ou dos milhares de anos que prestigiam as obras antes citadas. Mas a impressão que nos fica no espírito, ao virar a última página da obra, não engana. É bem um livro eterno aquele que se acabou de ler.

Acusa-se *Os Irmãos Karamazovs* de obscuridade, de leitura difícil, de sobrecarga de matéria. Tudo isto é, evidentemente, discutível mas uma pergunta se pode fazer desde já: seria possível que um tal livro fosse simples e corrente? E se-lo-ão igualmente os caminhos da alma humana? Sabemos que não.

Tal como em *Crime e Castigo*, serviu-se Dostoiévski, aqui, de um esquema a que se poderia chamar «policial»: vítima, suspeitos, criminoso, erro judiciário, condenação. Nada mais simples à superfície, nada mais complexo na profundidade. Ivan, Dimitri, Alexei — os irmãos Karamazovs —, filhos do assassinado, que não mancharam, realmente, as mãos no sangue do pai, serão, afinal, os verdadeiros culpados do crime? O cérebro que inspira não será tão culpado como o braço que descere o golpe? A verdade é que de todos eles se pode dizer que pensaram o crime, que o desejaram, ou que não souberam impedi-lo. E enquanto a Justiça, julgando por códigos, testemunhos e provas, se satisfaz com a condenação de Dimitri, Dostoiévski profere a sua sentença, muito mais ampla, transformada em mensagem universal: todo o homem é culpado de tudo e cada um deve pagar por todos.

Os Irmãos Karamazovs é um drama complexo, o do conhecimento do espírito humano a partir das suas trevas inconhecíveis, o conhecimento do visível pelo invisível. Sendo a última obra de Dostoiévski, é também a mais representativa do seu génio; com razão pode Ribemont-Dessaignes escrever que «o drama Dostoiévski e drama Karamazov são inseparáveis». Até que ponto o são, di-lo a leitura desta obra gigantesca, que nenhuma pessoa verdadeiramente culta pode desconhecer.

(Estúdios Cor, 666 pgs., Esc. 75\$00).

EM PORTIMÃO

Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»
no **CAFÉ NACIONAL**
e na
BARBEARIA DESPORTIVA
(de João Bonito)

Herniados

«BEAUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS, «BEAUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

Surdos

Novos Modelos de aparelhos, novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS Largo do Mastro, 29 — LISBOA

motores marítimos diesel

MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS
OU MUITO RÁPIDAS
PARA OS MODELOS:

DM 636	34 H.P. — 3.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. — 1.200 R.P.M.
203 B	90 H.P. — 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. — 1.200 R.P.M.
MB 946	225 H.P. — 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTES C. SANTOS LDA.
LISBOA — COIMBRA — PORTO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O Espectáculo da Semana

A «TURANDOT», DE PUCCINI, NUMA ESPECTACULAR ENCENAÇÃO

LISBOA, Março — A lindíssima e última ópera de Puccini, a «Turandot», foi agora apresentada em São Carlos, numa encenação espectacular e com um bom gosto de cenários e guarda-roupa muito de louvar. O difícil papel da protagonista, a bela e enigmática princesa, filha do Imperador da China, que propõe aos pretendentes à sua mão a prova das três adivinhas, teve em Inge Borkh — que nos ficou da Companhia alemã — uma interpretação ideal. Cantou tão bem quanto nos tem habituado, mas representou, sem uma falha, o difícil papel da cruel «Turandot». Vê, com o maior prazer, irem caído, sucessivamente, as cabeças dos

infelizes que por ela se apaixonam e não conseguem resposta aos três enigmas. Sabe depois ser a mulher despeitada que se revolta e não quer casar com o Príncipe Desconhecido, que a vence, mas também a rapariga apaixonada, que acaba por cair nos braços de vencedor.

Franco Corelli, no Príncipe Desconhecido, mostrou-se senhor de uma bonita voz e não há reparos de maior a fazer quanto à representação. Com uma linda figura e um grande à-vontade em cena, colheu fartos aplausos, sobretudo das raparigas, que o acharam parecidíssimo com os retratos do falecido Rodolfo Valentino.

Nicoletta Panni cantou muito bem. Teve uma ovação, em cena aberta, quando terminou a linda ária «Tu che di gel sei cinta». A sua figurinha gentil, a maneira como interpretou a parte da escrava Liú, e a verdade da sua morte justificaram plenamente as ovações. Também gostámos de ouvir Carlo Meliciani, César Sperti e Franco Ricciardi nos três cómicos, Ping, Pang e Pong, ministros do Imperador.

Os portugueses Armando Guerreiro e Luis França saíram-se razoavelmente das interpretações do Imperador e do Mandarin.

Francis Graça deu boa colaboração, mimando a parte de um complicado mestre de cerimónias.

O côro, cuja parte não é fácil, esteve à altura do que se lhe pedia. E' mesmo de notar a maneira como tem cumprido numa época em que tantas óperas requerem tanto da sua intervenção.

O maestro Antonino Votto dirigiu, como sempre, brilhantemente.

Em suma, mais um belo espectáculo, que é pena não ser também repetido no Coliseu.

Noémia Gil Farla

Tem brandy DELAFORCE em sua casa?

É saudável, estimulante e uma boa segurança contra todas as emergências



BRANDY DELAFORCE

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

A Vida Fantástica de Davy Crockett

(Conclusão da 1.ª página)

carreira aos vinte anos, dirigindo caravanas de emigrantes para o Pacífico caiu em poder dos peles-vermelhas, que todavia, não lhe fizeram mal. Ao ser recebido pelo chefe, que lhe ofereceu o cachimbo de paz, Crockett apressou-se a aproveitar a ocasião para negociar um tratado que garantia aos novos habitantes da Califórnia um corredor de trânsito e, por outro lado, estabelecia os limites dos territórios reservados aos índios.

Em consequência desse acordo, Davy Crockett conquistou tal popularidade na Califórnia que o elegeram deputado. Mas o pioneiro do Oeste nunca abandonava o seu cavalo. De noite, dormia agarrado a ele e jamais largava a sela, mesmo para tratar dos seus negócios.

Certa vez, andando de visita às tribos índias, trouxeram-lhe a notícia de que o Capitólio, em Washington, tentava denunciar todos os tratados que ele firmara. Desejando conservar-se acima de tudo fiel à palavra dada, Davy Crockett partiu imediatamente para a capital. Galopou dia e noite e, por fim, chegou à sala das sessões no momento em que ia proceder-se à votação final. Entrou a cavalo no recinto, deu um empurrão ao presidente, rasgou os votos, e, com a sua voz de trovão, fez a defesa dos acordos assinados com os índios, advertindo o Congresso contra as guerras que resultariam da revogação.

Apesar da sua rude eloquência, não conseguiu a vitória. A sua moção foi rejeitada e Crockett, desgostoso, pediu a demissão e retirou-se para o Texas ainda sob o domínio mexicano, pois não queria voltar aparecer diante das tribos de peles-vermelhas, que poderiam acusá-lo de traição. Aliás, o que previra aconteceu. Em breve iriam eclodir lutas impiedosas entre índios e brancos.

Colono no Texas, Davy não tardou a achar insuportáveis a tirania e os vexames dos mexicanos e chamou o Texas à revolta. Mas o Texas, deficientemente apoiado pelo Governador de Washington, ainda sem bases sólidas a sustentá-lo, foi vencido pela repressão exercida pelo Exército mexicano.

Davy Crockett, o homem da guerra das fronteiras, jamais capitulou. Entrincheirou-se com os últimos homens que se lhe conservaram fiéis na capela de A'lamo em 1835, e aí resistiu durante vários dias às investidas de mais de cinco mil mexicanos. Finalmente, sucumbiu.

Porém, a sua causa triunfou. Dez anos mais tarde, depois de ter obtido a independência, o Texas aderiu aos Estados Unidos. Foi em 6 de Março de 1836 que morreu Davy Crockett.

Isy Bandres

LÃS PARA TRICOT
A CASA QUE MAIOR SORTIDO APRESENTA
Qualidades Estrangeiras — Lindas Cores
Só visto! Peçam Amostras
Rua Augusta, 240 - 2.º Dt.º — LISBOA

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

CHÁVENAS de café QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

HERESIA DE BRADAR AOS CÉUS?

O heroísmo que mais custa não é o do rataplam, o da escopeta disparada ou o da espada que atravessa o ventre do inimigo. O heroísmo que mais custa é o dos simples deveres do dia a dia, cumpridos exemplarmente, sem toques de corneia, sem mirar condecorações ao peito. O heroísmo de trazer por cara merece um poema superior ao dos Lusíadas.

Heresia de bradar aos céus esta nossa afirmação? Qual heresia nem qual carapuça! Uma grande verdade. Não faltam as verdades ortodoxas que comemoram por ser heresias.

ROMANCISTA

Que é um romancista? E' um psicólogo que põe a psicologia de pé, nas suas personagens. E é realmente psicólogo, na medida em que as retrata com sentimentos, paixões, vontades, desejos, sonhos, ideais, temperamentos, ocupações, linguagem, vivências interiores e exteriores, sem ter outro propósito que o da verdade.

Não está no seu programa morigerar, educar, louvar, censurar, fazer qualquer jogo normativo. Retratar a vida como ela é, reflecti-la como se fora um espelho, eis o seu desideratum. Deixa ao leitor o papel judicativo. A ele só lhe cabe a função expositiva, numa atitude neutral, serena, alheia de comentários valorativos.

O verdadeiro romancista não tem preocupações ostensivas de moralizar. A arte é amoral. Se alguma filosofia construtiva existe implícita na fábula do romance, ao leitor cabe extrair essa filosofia.

HISTÓRIA DOS GRANDES

Um autor castelhano, do tempo da outra senhora, assim se referiu, em palavras arcaicas, ao nascimento de Alexandre Magno:

Grandes signos contizom quando este infant nascio El aire fué cambiado, el sol escurecio Todol mar fué irado, la tierra tremeciou, Por poco que el mundo todo non lperescio.

Cantiga. A eterna cantiga da sabujice perante os grandes figuras da história marcial.

Quando o menino Alexandre nasceu, só houve um facto que não podemos negar: as dores de barriga da mãe que o... deu ao mundo, isto para não empregarmos um termo que Gil Vicente usava, sem pudor de qualquer espécie.

Nem ar, nem fogo, nem água, nem terra, nenhum dos quatro elementos se comoveu com o nascimento da real criança. Nenhum desses elementos se apercebeu do nascimento do pimpolho.

Já era tempo de pormos os grandes do mundo no lugar que lhes pertence. Não faltam as figuras que são de dimensões gigantescas, apenas porque meio mundo tem o mau sestro de se acocorar diante deles. E, por verificarem que esse tal meio mundo anda de gatas na sua frente, vá de se julgar alguém, vindo de algures...

Visado pela Comissão de Censura

MOTORES BRIGGS & STRATTON
MOTORES E SOBRECIENTES
REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA
TRAVESSA DA GLÓRIA — 19
LISBOA

ESPERANÇA RENASCIDA?

(Conclusão da 1.ª página)

lidas directamente no noticiário de qualquer jornal do Algarve, e apesar do tom perentório e definitivo daquele há-de erguer-se, poderíamos tomá-las como exprimindo apenas o desejo ou a aspiração do jornalista, aliás comum a todos os algarvios, de que o monumento de Sagres venha a ser uma realidade; mas, lidas no boletim de Informações para a Imprensa, de um organismo com as responsabilidades oficiais e, de certo modo, até governamentais do S. N. I., como havemos de interpretá-las?

Sem dúvida que a expressão «monumento que ali há-de erguer-se em memória do Príncipe Navegador» pode ter tantos sentidos quantos, pelo menos, os significados com que é possível empregar-se nela a palavra monumento. Este poderá ser, por exemplo, a Escola, o Instituto ou o Museu de que já bastante se falou na Imprensa como devendo instalar-se na Ponta de Sagres em memória do Infante, poderá ser ainda a Vila do Infante reconstruída com o rigor que os resultados de sérias investigações permitam, e poderão ser, até, as próprias Comemorações Centenárias, que se preparam para 1960 e ali terão obrigatoriamente um dos seus principais cenários; mas parece-nos que não é costume, pelo menos, colocar flores em monumentos de tal espécie, nem mesmo simbolicamente, de mais a mais sendo flores autênticas e genuínas as que os rapazes levaram, e não apenas... flores de retórica!

Será, portanto, que tais palavras se referem a um monumento no sentido mais vulgar do termo, naquele sentido em que o comum das gentes normalmente o toma; o de uma estátua, um obelisco, um padrão qualquer? Será que elas se referem, pelo menos, àquele farol-monumento de que falaram, há uns dois anos, dois membros do Governo idos a Sagres para estudarem o assunto? Ou será que elas dizem respeito tão somente àquele farol condigno do local de que falou em Faro o sr. prof. dr. Caetano da Mata, aliás sem que se ficasse sabendo ao certo de que se tratava, mas que o dr. F. Fernandes Lopes, depois de investigar o caso, afirma ser um farol inexpressivo e ainda mais vulgar, e mais inestético e mais indigno do local, do que o farol que lá se encontra hoje?

O certo é que, vindas do organismo que as escreveu e difundiu, e dadas as responsabilidades oficiais e mesmo literárias daquele, não nos parece que possamos nelas admitir a confusão de um farol condigno (e menos ainda de um sim-

ples farolim...) com um farol-monumento ou com um monumento sem farol; nem nos é possível admitir que, afinal, elas constituem mera força de expressão jornalística... Portanto, cremos ser legítimo perguntar:

Poderemos todos nós, algarvios, admitir agora nos nossos corações uma renascida esperança de vermos realizado (pelo menos, um dia...) o sonho antigo e lindo de um monumento ao Infante, naquele Promontório de Sagres, que é lugar sagrado da velha Pátria Portuguesa, e de certo modo, Pátria das novas Pátrias de Além-Atlântico?

Antero Nobre

Anuncio neste jornal de grande expansão em todo o País.

PANORAMA DA EDUCAÇÃO JUVENIL EM BENGUELA

(Conclusão da 1.ª página)

tante do que outras facetas da educação da mocidade, especialmente nas primeiras idades, e no estrangeiro também as mães estão a reunir-se, a procurar dar solução a problemas que não são apenas de um povo, mas de todo o mundo.

Embora nos pese reconhecê-lo, o panorama da educação das novas gerações está, em síntese, mais ou menos com este aspecto: As crianças nascem e procuram-se fazê-las vingar, criar e desenvolver com saúde, com todos os meios que a ciência e a higiene aconselham.

Chegadas à idade escolar, põem-se em acção todos os recursos para as instruir em tudo o que, materialmente, lhes pode ser útil e, ainda com o mesmo objectivo, encaminham-se para uma profissão que lhes garanta no futuro um modo de vida. De um modo geral é esta a principal preocupação dos pais.

Na altura de assumirem responsabilidades o que é que todos lhes exigimos? Que sejam bons profissionais, pois para isso foram instruídos e orientados, mas que além disso sejam:

Homens e mulheres de carácter; cidadãos exemplares; bons maridos; boas esposas; boas mães para criar e educar os seus filhos; que sejam honestos, verdadeiros e bondosos, sem que para isso se tenham empregado, com boa formação moral, os mesmos aturados esforços que se empregaram na preparação para a vida prática...

Ora isto afigura-se-me uma... insensatez.

Creio que em primeiro lugar devia preocupar os pais, como os maiores responsáveis pela felicidade dos seus filhos, a perfeita formação moral, visto que nada do mundo pode tornar feliz uma pessoa moralmente desorientada.

E porque a mocidade é hoje mais infeliz e desorientada do que nunca, por se ter descurado a parte mais importante da sua educação, e exterioriza essa falta de modo a desgostar e preocupar toda a gente que pensa, todos a censuramos e nos queixamos dela.

Poder-se-á dizer que nos queixamos daqueles que, pela sua ida-

EXPLORAÇÃO DE CARACULO EM ANGOLA

Está a efectuar-se no S. N. I. uma elucidativa e interessante exposição sobre a criação e exploração do caraculo em Angola.

Calcula-se que a área que pode ser aproveitada para esse fim é ligeiramente superior à da Metrópole e nela podem desenvolver-se de dois a dois milhões e meio daqueles ovinos com um rendimento anual de trezentos mil contos.

É uma riqueza que começa a explorar-se e que merece continuidade.

Quando vemos tantos dos nossos rurais que só ao cultivo do solo se têm dedicado, abalarem para terras estranhas em cata de profissões de que nada percebem e sujeitos, por isso, às mais tristes contingências, pensamos se a corrente migratória portuguesa não deveria ser canalizada de preferência e mais intensamente para aqueles imensos territórios que são nossos e que se oferecem ao braço generoso e forte de quem os quiser trabalhar.

de, já deviam conhecer os seus deveres... Mas se nós não podemos exigir que uma pessoa seja boa profissional se não tiver sido preparada para isso, com que direito é que vamos exigir que a mocidade se comporte irrepreensivelmente quando, na maioria, não só a não educaram moralmente como devia ser, mas só viu maus exemplos?

Tudo isto que eu digo, o vejo exposto, com muito mais arte, disperso na Imprensa, na rádio e em conferências... Mas eu, mercê de várias circunstâncias, leio, oiço e medito, e creio que, na sua maior parte as mães não dão a estas coisas a atenção que merecem por julgarem que, a respeito das suas atribuições como educadoras é bastante a intuição e o amor que têm aos seus filhos, e aí é que está o erro. O mal já vem de longe... Para se lhe dar remédio hoje, é preciso discutir, estudar e agir em conjunto.

A par do progresso material desenvolveu-se a rebelião contra o passado, sem se querer distinguir o que tinha de bom entre o que tinha de mau. Rompeu-se a tradição de grande parte das coisas aproveitáveis que, sobre educação, as gerações que passavam iam entregando às que as substituíam.

As nossas antepassadas legaram-nos exemplos que é necessário avivar na memória e seguir. Todas admiramos as grandes figuras da nossa História que honraram a Humanidade. Pensemos nas suas mães:

Salvo raras excepções, as mães dos heróis que lutaram pela sua Pátria, amavam a sua Terra; as dos santos, eram religiosas, boas e caridosas; as dos grandes cientistas, inteligentes e compreensivas; as dos trabalhadores incansáveis, trabalhadoras, pacientes, sofredoras e abnegadas...

Estas são verdades incontesteáveis.

Ana Rolão Preto M. Abano

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMÍNGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

Assina e propaga «Noticias do Algarve»

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE na FIGUEIRA DA FOZ: Tabacaria Pessoa

Sócio-Capital

Para negócio lucrativo no ramo automóvel — devidamente montado no Algarve com boas instalações e direcção tecno-comercial eficiente, procura sócio que disponha de algum capital e especial de crédito.

Resposta à Redacção ao n.º 48